



Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-559-4 DOI 10.22533/at.ed.594192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.5941923081	
CAPÍTULO 2	23
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5941923082	
CAPÍTULO 3	34
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco	
Eduardo Nazareth Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5941923083	
CAPÍTULO 4	42
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito	
Vanessa Aparecida Bernardes de Souza	
Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
DOI 10.22533/at.ed.5941923084	
CAPÍTULO 5	52
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo	
José Carlos Ferraz	
Hellayny Silva Godoy de Souza	
Ana Maria Franco Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5941923085	
CAPÍTULO 6	66
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
DOI 10.22533/at.ed.5941923086	
CAPÍTULO 7	77
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
DOI 10.22533/at.ed.5941923087	

CAPÍTULO 8	101
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5941923088	
CAPÍTULO 9	115
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.5941923089	
CAPÍTULO 10	121
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.59419230810	
CAPÍTULO 11	132
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.59419230811	
CAPÍTULO 12	144
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
DOI 10.22533/at.ed.59419230812	
CAPÍTULO 13	157
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.59419230813	

CAPÍTULO 14	166
ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS	
Victor Hugo Basilio Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.59419230814	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	175
ÍNDICE REMISSIVO	176

A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES

Ana Beatriz Morais de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
São Gonçalo/RJ

RESUMO: Esta apresentação tem como objetivo analisar a noção de “história dos costumes” presente na escrita do autor francês Honoré de Balzac (1799-1850). Através das suas obras *Ilusões Perdidas* (1837-1843) e o *Tratado da Vida Elegante: Ensaio sobre a moda e a mesa* (1830- 1833) podemos observar a presença de uma noção singular do que poderia ser a escrita historiográfica. Com influência dos postulados da filosofia natural e o princípio de “unidade de composição orgânica” movido nas teorias de Geoffroy Saint-Hilaire e outros biólogos e filósofos, Honoré de Balzac empreende uma análise da sociedade francesa através de uma descrição detalhada das fisionomias das personagens e do meio ao qual eles pertenciam, dando a entender que essas questões interferiam na construção dos costumes e do surgimento de tipos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: História dos costumes - Escrita literária - Escrita jornalística

THE COEXISTENCE IN BETWEEN
LITERATURE AND HISTORY. THE
BALZAQUIAN WRITING AS A PROJECT OF A
HISTORY OF CUSTOMS

ABSTRACT: This presentation aims to analyze the notion of “history of customs” present in the work of the french writer Honoré de Balzac (1799-1850). Through his works *Ilusões Perdidas* (1835-1843) and the *Tratado da Vida Elegante: Ensaio sobre a moda e a mesa* (1830-1833) we can observe the presence a singular notion of what could be a historiographical writing. With influence of the postulates of natural philosophy and the principle of "unity of organic composition" moved in the theories of Geoffroy Saint-Hilaire and other biologists and philosophers, Honoré de Balzac undertakes an analysis of French society through a detailed description of the physiognomy of the characters and the middle to which they belonged, implying that these questions interfered with the construction of customs and the emergence of human types.

KEYWORDS: History of customs - literary writing - journalistic writing

1 | INTRODUÇÃO

1.1 Percurso invertido: de literato a historiador dos costumes

Podemos admitir que a produção intelectual balzaquiana que hoje temos acesso, basicamente se estende a duas formas de escrita – a escrita literária e a escrita jornalística. Atuando durante quase todo o momento da

sua vida nesses dois ramos do mundo da imprensa, Honoré de Balzac (1799-1850) divulgou algumas ideias fundamentais que alimentaram a sua produção e que até influenciaram o seu modo de vida e de observação sobre o mundo. Entre essas inúmeras ideias, elegemos uma. A ideia chave que queremos problematizar neste trabalho está relacionada com a forma de entendimento do autor sobre o que poderia vir a ser a “história dos costumes”.

Vivendo a efervescência do movimento romântico e sua propensão a uma abordagem mais próxima dos acontecimentos históricos, Balzac tinha elucidado nas suas produções que a mudança provocada com a Revolução Francesa havia totalmente desestruturado o que antes eram considerados os parâmetros fundamentais da sociedade francesa, inclusive no âmbito privado. Como pensador do seu tempo, à maneira de um “escritor monárquico”¹, observamos nos seus esforços intelectuais uma tentativa de fazer da sua produção algo mais “útil” para compreender a contemporaneidade, como as mudanças vindas da modernidade e a ascensão de novos padrões de vida. Leiam-se padrões burgueses.

[...]. Chegamos a uma época em que, diminuindo as fortunas por igualização, tudo se empobrecerá: havemos de querer roupas e livros baratos, como se começa a procurar quadros pequenos por falta de espaço onde colocar os grandes. As camisas e os livros pouco hão de durar, essa é a verdade. A solidez dos produtos começa a desaparecer por toda a parte. Assim o problema a ser resolvido é de mais alta importância para a literatura, para a ciência e para a política. (BALZAC, 1981, p.67)

Para esclarecer melhor essa questão, gostaríamos de dar destaque ao trecho marcante que se encontra no *Avant-propos* de *A Comédia Humana*² (1842). Neste, podemos observar a presença de uma certa pretensão balzaquiana em tornar a sua grande criação literária um modelo possível de registro histórico.

1 A denominação “escritor monárquico” pode ser encontrada na apresentação realizada pelo literato no seu *Prefácio à Comédia Humana* publicado em 1842. Neste trecho Balzac afirmar que “A lei do escritor, o que faz que ele o seja, o que, não temo dizê-lo, o torna igual e talvez superior ao homem de Estado, é uma decisão qualquer sobre as coisas humanas, uma dedicação absoluta a princípios. Maquiavel, Hobbes, Bossuet, Leibniz, Kant, Montesquieu são a ciência que os homens de Estado aplicam. ‘Um escritor deve ter em moral e política opiniões definidas, deve considerar-se como um preceptor de homens; porquanto os homens não necessitam de mestres para duvidar’, disse Bonald. Cedo adotei como regra essas grandes palavras, que são a lei do escritor monárquico, tanto quanto a do escritor democrático”. BALZAC, Honoré de. “Prefácio à Comédia Humana”. In: *A Comédia Humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. Orientação, introdução e notas de Paulo Rónai; tradução de Vidal de Oliveiras; 3ª edição. São Paulo: Globo, 2012, p.109.

2 *A Comédia Humana* pode ser considerada como o maior monumento literário construído durante o século XIX. Compilada por Honoré de Balzac para ser um longo trabalho de interpretação da história e a crítica da sociedade francesa do XIX, a Comédia traz a lume a trajetória fictícia de mais de 2.500 figuras literárias que foram construídas a partir de vários cenários históricos da época. Esses cenários estão divididos entre as *Cenas da Vida Privada*, *Cenas da Vida Provinciana*, *Cenas da Vida Parisiense*, *Política*, *Militar* e *Rural*. Nestes seis grupos classificados se encontram os *Estudos de Costumes*, os *Estudos Filosóficos* e os *Estudos Analíticos*.

O acaso é o maior romancista do mundo; para ser fecundo, basta estudá-lo. A sociedade francesa ia ser o historiador, eu nada mais seria do que seu secretário. Ao fazer o inventário dos vícios e das virtudes, ao reunir os principais fatos das paixões, ao pintar os caracteres, ao escolher os acontecimentos mais relevantes da sociedade, ao compor os tipos pela reunião dos traços de múltiplos caracteres homogêneos, poderia talvez, alcançar escrever a história esquecida por tantos historiadores, a dos costumes. Com muita paciência e coragem, eu realizaria para a França do século XIX esse livro que todos lamentamos não terem deixado Roma, Atenas, Tiro, Mênfis, a Pérsia, a Índia sobre sua civilização (...) (BALZAC, 2012, p.108).

A noção de “história” que encontramos presente nesta descrição está limitada à exposição do presente contemporâneo do autor. Mesmo tendo intenções totalizantes, beirando a construção de uma história nacional, Balzac a observa não como prática científica consagrada, com seus métodos e fontes, mas como uma investigação livre. Segundo Auerbach “não se trata de history, mas de fiction, não se trata de forma alguma, do passado, mas do presente contemporâneo, que se estende quanto muito, por alguns anos ou décadas no passado” (AUERBACH, 2013, p. 429).

Vale destacar que, o conceito de história neste momento vinha sofrendo uma mudança nas suas formulações devido à influência de outros modelos científicos (RIBEIRO, 2013, p.17). Como elucidou Georges Lefebvre (1981), o século XIX foi marcado pela noção de desenvolvimento histórico. A história passou a ser encarada como um saber vivo em continua transformação, sua matéria que não eram fatos mortos e amorfos, não obstante, viviam em relação direta com a vida e a realidade que ela buscava refletir. Como um ser vivo que precisa ser estudado, a história “evolui com a civilização dos homens e com os acontecimentos que lhes definem a existência e por vezes os ensinam” (LEFEBVRE, 1981, p.11).

De acordo com as preposições de Erich Auerbach (2013), é comum entre as produções literárias de determinados períodos existir certa intenção em representar a realidade a partir da sua forma de compreensão do mundo. Neste caso, considerando algumas produções literárias que tiveram uma acentuada atuação durante o século XIX, como a de Stendhal, de Flaubert e a do próprio Balzac, Auerbach demonstra que o surgimento de uma geração romântica, que ganhou destaque com o movimento de reivindicação pela mistura do sublime e do grotesco, fez uma aproximação inovadora no que condiz à relação da literatura com o mundo real. O romantismo, tendência que teve origem na “Alemanha” e na Inglaterra e que se desenvolveu intensamente na França a partir de 1820, rompeu as barreiras estilísticas entre os aspectos realista e trágico promovendo uma mudança de perspectiva que desencadeou novos polos estilísticos preocupados com a contemporaneidade e não com a fuga do real como tinha ocorrido no pré-romantismo (AUERBACH, 2013, p.249).

Para James Guinsburg (2013), o movimento historicista promovido pelas ideias românticas, trouxe para as produções literárias do século XIX a relevância de se ter uma consciência histórica. Essa consciência não era aquela semelhante ao modelo racionalista do século XVIII ou a história natural das instituições com as descrições

das “vidas ilustres”. No entanto, era a construção de uma consciência atenta às inúmeras formas de organização da sociedade (comunidades, raças, nações) “que têm antes cultura do que civilizações, que secretam uma individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo, mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros” (GUINSBURG, 2013, p.15).

Revestidas de cor local, as realidades que os românticos buscavam atingir tinham o objetivo de traçar a trajetória de cada povo, de um país ou de uma nação, chamando atenção para as particularidades e os “coloridos nacionais”. Não perdendo essa “paramentação romântica” (GUINSBURG, 2013 p. 18), romancistas como Balzac e Stendhal desdobram uma forma de escrita mais colada aos acontecimentos, com objetivos de desvendar fatos, impulsos no contexto do imprevisível de alta complexidade, no mundo da sensibilidade, da imaginação, aspectos que vinham sendo entendidos como parte integrante da realidade social.

Com o surgimento do realismo moderno essa mudança foi efetiva. A tendência que trouxe para o mundo literário um tratamento narrativo mais sério para o cotidiano, fez com que as camadas humanas consideradas socialmente inferiores passassem a ser objetos de representação. Segundo Auerbach, na França esse movimento foi de grande importância, pois trouxe para o corpo da literatura uma visão moderna da realidade, modificada com as novas transformações (AUERBACH, 2013, p. 440).

Essa exigência de maior veracidade na ficção fez com que a narrativa observasse a natureza humana como fruto das transformações históricas, diferenciada pelas construções do tempo e do espaço. A partir desse paralelismo entre romantismo e realismo, observamos que o gênero do romance começa a ganhar novos traços. A própria concepção que Balzac tinha sobre esse modelo é exemplo disso. Como afirmou Auerbach, Balzac acreditava que o romance, inclusive o de costumes, poderia ser encarado como um modelo de história e de filosofia que atenta ao mundo real poderia estar além das estruturas literárias (AUERBACH, 2013, p.436).

2 | DESENVOLVIMENTO

2.2 Gênero aberto à perspectiva do autor: o romance como espelho da sociedade

Criador do romance de costumes, Balzac encarregou à sua escrita um verdadeiro “laboratório experimental” fortalecido pela experiência, não muito positiva, como auxiliar de tabeliões em um cartório na Capital e como impressor e tipógrafo provinciano. Operando nestas duas profissões ganhou conhecimento sobre os detalhes das formalidades e regulamentos da jurisprudência francesa. Além de captar a enorme influência que as editoras tinham na coordenação de múltiplas atividades industriais no ramo literário. Isso o auxiliou na formação de uma visão mais apurada sobre o romance, fazendo com que rompesse com os impasses e as imperfeições do gênero (RÓNAI, 2012).

Não podemos esquecer que a maior influência sobre a escrita balzaquiana, no que consistem às formulações do romance, veio das produções do romancista escocês Sir Walter Scott³ que criou o romance histórico pautado na investigação de documentos e a descrição de cenários memoráveis. Suas obras serviram de modelo para Balzac, principalmente no que consiste na estratégia do escocês em adicionar a vida dos seus personagens um ambiente de verossimilhança. Para Balzac, Walter Scott elevou o valor histórico e filosófico no romance, abrindo espaço para a oportunidade do surgimento de uma narrativa que pudesse pintar a vida social. Introduziu na obra a junção do maravilhoso com o verdadeiro, fazendo com que a poesia tivesse uma roupagem mais real, aproximando-a das linguagens mais humildes (“Prefácio à Comédia Humana”, 2012, págs.106-107).

Balzac considerava a construção do romance histórico como uma forma de apresentar a história. Para Maria Inês C. Arigoni (2015), a estrutura dos romances balzaquianos trazia em seu cerne a ideia de que a história era uma moldura fundamental para a construção do personagem e para expressar as estruturas do mundo. O romance, tendo essa liberdade de diálogos com diferentes discursos científicos deveria ser melhor que a história, mesmo não tendo a pretensão em representar o que verdadeiramente ocorreu.

Todavia, o gênero não deixa de ser verdadeiro nos pormenores. Prosseguindo por uma denúncia contra os postulados da historiografia marcante da sua época “com secas e enfadonhas nomenclaturas dos fatos denominados *históricos*” (“Prefácio à Comédia Humana”, 2012, p. 105), o literato francês sente-se animado pelo esforço do escritor escocês que coloca na sua obra o espírito dos tempos antigos. Assim, Balzac demonstra a importância das formulações de Walter Scott ao seu próprio modelo de interpretação que condizia em dar vida às paixões humanas, e que não eram tão bem exploradas por Sir Walter Scott, como afirmava o literato. Apesar disso, seu objetivo literário se tornou ousado, em certa medida, pois procurava ultrapassar a construção iniciada por Walter Scott.

Mas, tendo antes achado seu feito ou no ardor do trabalho, ou pela lógica desse trabalho, do que propriamente imaginado um sistema, não pensou em ligar suas composições umas às outras com o fim de coordenar uma história completa, da qual cada capítulo formasse um romance e cada romance uma época. Ao perceber essa falha de ligação, que, aliás, não diminui a grandeza do escocês, vi ao mesmo tempo o sistema favorável à execução de minha obra e a possibilidade de executá-la (“PREFÁCIO À COMÉDIA HUMANA”, 2012, págs. 107-108).

2.3 A “Unidade de composição orgânica” e a relação de Balzac com as ciências naturais

Impregnado pelas teorias da história natural e pelos estudos de pensadores

3 Sir Walter Scott (1771-1832) nasceu na capital da Escócia em Edimburgo, foi o verdadeiro criador do romance histórico. Entre algumas das suas obras, *Ivanhoe* (1819) pode ser considerada a mais famosa.

místicos⁴, o escritor era adepto do que entre os naturalistas era conhecido como a “unidade de composição orgânica”. As descrições literária e jornalística de Balzac estiveram influenciadas por esta noção divulgada pelo biólogo francês Étienne Geoffroy Saint-Hilaire⁵, que o auxiliou a interpretar as vicissitudes da natureza humana e sua relação com o meio social.

Fundador da anatomia comparada e da paleontologia, Saint Hilaire sustentava a importância dos postulados da filosofia natural especulativa. Afirmava que existiria entre as plantas e os animais um tipo de organização comum, no seu plano geral, de existência na natureza. Transportado por Balzac dos planos das ciências naturais para os estudos de costumes da sociedade humana, essa noção é apresentada como uma forma de apresentar os estados das coisas, de maneira sugestiva, por meio de unidades orgânicas que estariam estruturadas através de uma relação harmônica entre os indivíduos e o meio ao qual viviam (AUERBACH, 2013, p. 424).

Balzac ficou tão impressionado com esse modelo de análise das ciências naturais, que na sua lista de preferidos tinha espaço para Cuvier, Leibniz, Charles Bonnet, Spallanzani, Müller, Gall e Lavater⁶. Para se ter ideia da tamanha influência que as formulações naturalistas tinham na concepção de mundo do autor, Balzac transformou o seu conjunto de textos literários em algo parecido com o conjunto sobre zoologia que foi produzido pelo conde de Buffon⁷ publicado entre 1749 e 1789, composto por mais de 36 volumes sobre História Natural. Balzac acreditava que era possível realizar uma composição semelhante ao naturalista, que abarcasse detalhes sobre os costumes, a vida individual, material e a atmosfera moral presente na sociedade. “Não transforma a sociedade o homem, segundo os meios em que se desenvolve sua ação, em outros tantos indivíduos diferentes, à semelhança das variedades em zoologia?” (“Prefácio à Comédia Humana”, 2012, p. 103).

Para o literato, o “criador” tinha servido de apenas um único padrão para a organização de todos os seres. E tratando inicialmente das questões que eram associadas ao mundo da zoologia, Balzac incluía o animal como exemplo de ser vivo transformado pelo meio, limitado por assim dizer, pela sua natureza já que mantinha

4 *Emmanuel Swedenborg* (1688-1772) naturalista e mineralogista sueco adepto da teosofia e do misticismo. Segundo Paulo Rónai, a mãe de Balzac foi leitora assídua da obra de Swedenborg. *Saint-Martin* (1743-1803) adepto do misticismo de Emmanuel Swedenborg, percorreu vários países para propagar esta doutrina mística em combate ao sensualismo e ao materialismo.

5 Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844), foi naturalista e zoólogo francês. Durante a sua atuação se envolveu numa polêmica científica com *Georges Cuvier* (1769-1832) que combate fortemente as suas teorias. Esta polêmica envolveu considerável interesse de outros literatos da época como Goethe e o próprio Balzac.

6 *George Cuvier* (1769-1832) naturalista francês; *Gottfried Wilhelm Leibniz* (1646-1716) cientista e matemático alemão; *Charles Bonnet* (1720-1793) adepto da filosofia especulativa depois de ter abandonado o misticismo; *Lazzaro Spallanzani* (1729-1799) fisiologista e estudioso das ciências naturais; *Hans Peter Müller* (1801-1858), médico e fisiologista; *Franz Josef Gall* (1758-1828) fisiologista e filósofo alemão, fundador da ciência da frenologia e *Johann Kaspar Lavater* (1741-1801) inventor da fisiognomia, ciência de julgar o caráter das pessoas pelas expressões faciais.

7 *Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon* (1707-1788) foi um naturalista, matemático e escritor francês. As suas teorias influenciaram duas gerações de naturalistas, entre os quais se encontram Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin.

o ritmo de vida semelhante em todos os tempos.

Neste aspecto, de acordo com as estratégias de organização, a sociedade e a natureza se assemelhavam. Através das analogias biológicas, Balzac construiu suas formulações acerca da sociedade humana, apontando que as diferenças entre os tipos sociais, os destinos, as mudanças comportamentais, o vestuário, as atitudes estariam ligadas como unidades orgânicas ao meio estruturante da vida em sociedade. Como uma descrição sugestiva, o estado das coisas sociais passou a ser encarado como apreensíveis de interpretação, onde havia a atuação de dispositivos organizacionais que davam continuidade às relações e à permanência da sociedade.

Em um trecho do *Tratado da Vida elegante: ensaios sobre moda e mesa* (1830-1833), notamos a descrição do literato profundamente ligado a esse mundo de teorias naturais. Esses artigos, que foram publicados na época em que o autor atuava assiduamente como jornalista, nos mostra como antes mesmo de Balzac pensar em construir *A Comédia Humana* e de publicar alguns dos seus principais romances, essas ideias já lhes eram familiares.

A vida exterior é uma espécie de sistema organizado que representa um homem tão exatamente como as cores do caracol se reproduzem em sua concha. Assim, na vida elegante tudo se encadeia e se comunica entre si. Quando o sr. Cuvier apercebe-se do osso frontal, maxilar ou crural de algum bicho, daí não induz toda uma criatura, seja ela antediluviana, e não reconstitui logo um indivíduo classificado, seja entre os sauros ou os marsupiais, seja entre os carnívoros ou os herbívoros?... Nunca esse homem se enganou: seu gênio lhe revelou as leis unitárias da vida animal (BALZAC, 2016 p. 58).

Essa obra jornalística composta por doze tipos de exposições interpretativas traz para o debate questões sobre a conformação do espírito, das classes sociais, do movimento, da utilidade dos apetrechos e suas funções na cidade urbanizada. A primeira parte foi publicada com o título *o Tratado da vida elegante: ensaios sobre a moda e a mesa*³ na revista *La Mode*, nos dias 2,9,16, 23 de outubro e 6 de novembro de 1830.

Segundo Rosa Freire D´Aguiar (2016), esses trabalhos jornalísticos de Balzac nos apresentam um conjunto de questões que definem muito bem a sua escrita. Percorrendo os espaços sociais como a rua, os arrabaldes, os salões da alta sociedade, a vida boêmia, as casas dos operários e dos burgueses, esta investigação jornalística balzaquiana pretende estabelecer a conformação da origem, da institucionalização e das principais características da “vida elegante”. Além disso, tem como objetivo desvendar as razões do movimento profundo da sociedade moderna. “Pois os princípios segundo os quais se conduzem e vivem as pessoas que têm talento, poder ou dinheiro, jamais se assemelharão aos da vida vulgar. E ninguém quer ser vulgar!... A vida elegante é, pois, essencialmente a ciência das maneiras” (BALZAC, 2016, p. 37).

Os aspectos gerais, frívolos, secundários são os verdadeiros agentes da

sociedade se for considerar a maneira de análise empreendida por Balzac. Preocupado com as disposições que o mundo moderno imprimiu na vida da sociedade francesa e a importância que foi dada às coisas da aparência, suas fisionomias, à análise dos detalhes feita pelo literato pretende interpretar as disposições morais através da forma como os indivíduos se expressam e se comportam durante as relações sociais. Os detalhes da personalidade, das perspectivas, intenções e até mesmo da profissão estão marcadas secundariamente nas formas de se vestir, de falar, de comer, de pensar, de realizar a toailete e de agir dos agentes humanos com o lugar que ocupam na sociedade.

Coloque aí um cabideiro e pendure roupas! ...Bem. A menos que tenha passeado como um bobo que não sabe ver nada, você adivinhará o burocrata pelo amarrotado das mangas, pela larga risca horizontalmente impressa nas costas por conta da cadeira em que ele se encosta tão frequentemente, enrolando sua pitada de rapé ou repousando dos cansaços da vadiagem. Você admirará o homem de negócios pelo recheado bolso das cadernetas; o flâneur, pelos bolsos deformados, onde costuma manter as mãos; o comerciante, pela abertura extraordinária dos bolsos que vivem desbeijados, como para se queixar de estarem privados dos pacotes habituais. Por fim, um colarinho mais ou menos limpo, empoeirado, gorduroso, surrado, botoeiras mais ou menos gastas, uma aba caindo, a firmeza de uma nova entretela são os diagnósticos infalíveis das profissões, dos costumes e dos hábitos” (BALZAC, 2016, p. 76).

Preocupado com essas expressões comportamentais dos indivíduos, Balzac acredita que a sociedade molda os costumes, interfere na forma dos homens de se relacionarem e cria tipos comportamentais. Assim sendo, o autor estabelece na primeira parte do seu tratado denominado “Generalidades”, que a Revolução foi muito além de uma mudança política e redirecionou a sociedade francesa em todos os seus aspectos. Inclusive criando disposições para a vida social que separam a atuação do trabalho, das questões do pensamento e da vida do talento, a almejada “vida elegante”.

A *vida elegante* repousa, ao contrário, nas deduções mais severas da constituição social. Não é ela o hábito e os costumes das pessoas superiores que sabem usufruir da fortuna e obter do povo o perdão de sua elevação graças aos benefícios espalhados por suas luzes? Não é ela a expressão dos progressos feitos por um país, já que representa todos os seus gêneros de luxo? Por fim, se ela é o indício de uma natureza aperfeiçoada, todo homem não deve desejar estudá-la e flagrar seus segredos? (BALZAC, 2016, p.44).

[...] É um tato sofisticado, cujo exercício constante é a única maneira capaz de fazer descobrir de súbito as relações, prever as consequências, adivinhar o lugar ou o alcance dos objetos, das palavras, das ideias e das pessoas; pois, para resumir, o princípio da vida elegante é um pensamento elevado de ordem e de harmonia destinado a dotar as coisas de poesia (BALZAC, 2016, p.43).

Fisionomias. Ideias. Princípios. Ordem. Harmonia. A sociedade constrói todas essas possibilidades. Com uma pretensão à descrição naturalista, o formato do tratado composto por aforismas, máximas, “fisiologias”, apresenta uma preocupação

com a educação dos indivíduos modernos e burgueses que precisaram se acomodar às novas reivindicações da vida em sociedade. Com isso, a obra balzaquiana pode apresentar aspectos parecidos com os códigos de boas maneiras, elucidando condutas positivas ou negativas de acordo com a moda e com a elegância (d'AGUIAR, 2016).

Desnaturalizando a vida comum, o cotidiano, o literato sugeriu que a descrição material encontraria certo tipo de ligação com a atmosfera moral. Segundo Carlo Ginzburg (2007), os traços românticos de Balzac estiveram próximos ao que historiador denominou de uma “atitude historicista”, mostrando que as múltiplas formas culturais de um momento estariam unidas por uma coerência subterrânea, que deveriam ser desvendadas pelo estudo científico.

A composição de uma história dos costumes, esquecidas pelos historiadores na visão do literato, esteve associada a esse plano, de resgatar os caracteres múltiplos e homogêneos que dão vida aos fatos e às paixões no interior das experiências conformadas pela sociedade francesa. Influenciado pelo desejo em realizar uma análise comparativa entre “a humanidade e a animalidade” (“PREFÁCIO À COMÉDIA HUMANA”, 2012, p.101), Balzac amplia as estruturas da obra literária, sobretudo o romance. E esse tipo de descrição é uma estratégia narrativa muito frequente no romance *Ilusões Perdidas*. Abaixo, observamos um exemplo de descrição nesse modelo:

Jerônimo Nicolau Séchard havia trinta anos usava o famoso tricórnio municipal, que, nalgumas províncias, ainda se encontra à cabeça do tamboreiro da cidade. O colete e as calças eram de veludo verde; vestia um velho redingote castanho, meias variegadas de algodão e sapatos com fivela de prata. Tais vestes burguesas mal disfarçavam o operário e condiziam tão bem com elas; não se poderia imaginá-lo sem elas tal como não se concede uma cebola sem casca (BALZAC, 1981, p.17).

Considerada uma das obras primas do literato, *Ilusões Perdidas*, pode ser analisada como um típico romance de costumes, publicado na França entre os anos de 1837 a 1843. Nele, Balzac trabalhou, por assim dizer, quase toda a sua vida, ou pelo menos a maior parte da sua carreira. Para alguns, Lucien Chardon de Rubempré, protagonista do romance, pode ser considerado como uma das criações mais completas do literato. Esse romance faz parte da galeria de *A Comédia Humana* que Balzac denominou como os “estudos de costumes”.

Trazendo em sua centralidade a trajetória de vida do jovem provinciano Lucien Chardon de Rubempré, *Ilusões Perdidas* resgata através da justaposição de ambientes bastante complexos da sociedade francesa: a província – protagonizada por Angoulême – e a capital parisiense, uma representação da realidade cotidiana e dos costumes franceses que circulavam durante a Restauração monárquica (1814-1830). Para isso, o personagem principal, percorre caminhos simbólicos por meio da narrativa representando um tipo social francês encantado com as oportunidades do mundo moderno. Da província à capital, Lucien encontra desde aventuras até ilusões, entrou em contato com diversos “mundos” sociais desde operários, aristocratas,

jornalistas, tipógrafos, poetas e entre outros.

Apresentado como filho de um farmacêutico e de uma parteira da província de Angoulême, Lucien Chardon de Rubempré vive desencantado com a sua realidade interiorana e busca romper definitivamente com as limitações que o cercam. Incentivado por familiares e pelo melhor amigo David Sechárd, que acreditam no talento do jovem, Lucien provido da sua inteligência, dirige-se à capital parisiense para conquistar riqueza e prestígio no meio literário. Com o apoio da Senhora de Bargeton, uma aristocrata da província com quem mantém relações afetuosas, passa a frequentar outra parte da esfera social considerada um lugar daqueles que possuem belas maneiras. Lucien que vê essa relação como uma grande oportunidade, acaba entrando em contato com a pequena nobreza provinciana que, diferente dos costumes parisienses, representa “uma prataria de velho estilo, enegrecida, mas pesada” (BALZAC, 1981, p.37). Esse contato o leva a desenvolver pretensões maiores. Não podemos esquecer que o momento ao qual Balzac reflete a trajetória de Lucien, entre os anos de 1821 a 1830, a França vivia um cenário caótico, onde os adeptos da Restauração tentavam a todo momento sobreviver às transformações modernas.

Delineando a posição da nobreza na França e dando-lhe esperanças que não se poderiam realizar sem um transtorno geral, a Restauração aumentou a distância moral que separava, mais fortemente que a distância local, Angoulême do Houmeau. A sociedade nobre, unida então ao governo, tornou-se ali mais exclusivista que em qualquer outro lugar na França. O habitante do Houmeau parecia-se muito a um pária. Daí procederam aqueles ódios surdos e profundos que deram espantosa unanimidade à insurreição de 1830 e destruíram em França os elementos de um estado social durável. A arrogância da nobreza da corte desafeiçoou do trono a nobreza da província, tanto quanto esta dele afastava a burguesia ferindo-lhe todas as vaidades (BALZAC, 1981, p.30).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste interim, observamos que o romance durante o século XIX foi um gênero susceptível às rápidas mudanças que modificavam o mundo. O aumento populacional, o surgimento da economia monetária, a ascensão da classe burguesa gerou questionamentos em relação à natureza humana e aos contornos da modernidade. A consequência das atitudes objetivas “reivindicadas” pela economia monetária fez com que os lugares sociais se tornassem campos férteis para a competição e os conflitos de interesses. As conformações políticas, sociais e econômicas contribuíram para que essas questões fossem canalizadas pelo enredo dos romances.

Como muitos em sua época, que estavam influenciados pelas novas tendências românticas que realçaram a produção de romances históricos e realistas, Balzac via na ação da escrita literária um espaço de atividade social, disposto a questionar a essência da vida e suas vicissitudes. Reconfigurando o real, o romance poderia desvendar a totalidade da vida e o seu desespero e embriaguez (AUERBACH, 2013). A partir de uma caracterização individualizada, a narrativa forneceria uma representação

dos traços fundamentais dos destinos e da formação da psicologia do personagem.

Assim, tendo em vista esta análise apresentada, podemos afirmar que Literatura e História são formas diferentes de apreensão do mundo real. Hoje, devido às grandes transformações que os postulados normativos da história enfrentaram, sabemos que existe uma possibilidade de ligação entre a prática e escrita histórica com a narrativa literária, e conseqüentemente, a aceitação no campo científico de que a ficção pode conter, em alguma medida, fragmentos da realidade. Historiadores até então preocupados com as formulações narrativas destes dois discursos recuperaram um debate que pode ser encontrado no século XIX.

Portanto, nestes dois textos balzaquianos podemos observar um possível projeto de escrita historiográfica. Para o autor, a história era uma descrição das singularidades de um povo e de uma época através do esforço em delimitar as especificidades de um contexto social. E na sua concepção, os estilos de escrita literária, jornalística e historiográfica estariam em constante relação.

REFERÊNCIAS

ARIGONI, M. Inês C. “**Honoré de Balzac: Diálogos entre a escrita cotidiana e a literatura**”. Terra roxa e outras terras- Revista de Estudos literários. Londrina: Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, vol. 30, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25264>

AUERBACH, Erich. “Na mansão de La Mole”. In: **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 6º Ed. São Paulo: Perspectiva.

BALZAC, Honoré de. **Ilusões Perdidas**. Tradução de Ernesto Pelanda e Mário Quintana. Nota introdutória de Paulo Rónai. São Paulo: Abril Cultura, 1981.

_____. “Prefácio à Comédia Humana”. In: **A Comédia Humana: estudos de costumes: cenas da vida privada**. Orientação, introdução e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira; 3º ed. São Paulo: Globo, 2012.

_____. **Tratado da vida Elegante. Ensaios sobre a moda e a mesa**. Organização, apresentação, tradução e notas de Rosa Freire D’Aguiar. 1º ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

GINZBURG, Carlo. “A áspera verdade – Um desafio de Stendhal aos historiadores”. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GUINSBURG, James. “Romantismo, Historicismo e História”. In: **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEFEBVRE, George. “Definições e problemas de base”; “O romance histórico”. In: **O nascimento da moderna historiografia**. Tradução de José Pecegueiro. 1º ed. Lisboa: Sá da Costa editora, 1981.

RIBEIRO, Rosária Cristina Costa. “Alguns fundamentos do romance histórico”. In: **A espacialidade no romance histórico francês no século XIX: Balzac, Hugo e Elémir**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) USP- Faculdade de Ciências e Letras, 2013.

RÓNAI, Paulo. “A vida de Balzac, por Paulo Rónai”. In: **A Comédia Humana: estudos de costumes: cenas da vida privada**. Orientação, introdução e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira; vol.1, 3º Ed. São Paulo: Globo, 2012.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna
Análise espaço

C

Cibercultura
Ciências política
Ciências sociais
Colonização

D

Direitos civis territorialidades

E

Ensino de história
Exponere

F

Feminismo
Filosofia
Fontes documentais
Formação do homem

H

Historiografia
História dos costumes
História intelectual
Historiografia

I

Igreja católica
Imigração

L

Literatura
Lutas

M

Meio ambiente
Memória
Micro-história

O

Organizações sociais

P

Política

Populismo

Protestante

R

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-559-4

